

Desafios de uma geração e a originalidade da interpretação

Maria Arminda do Nascimento Arruda

Como citar: ARRUDA, M. A. N. Desafios de uma geração e a originalidade da interpretação. *In:* KOSMINSKY, E. V. (org.). **Agruras e prazeres de uma de uma pesquisadora:** ensaios sobre a sociologia de Maria Isaura Pereira de Queiroz. Marília: Unesp Marília Publicações; São Paulo: FAPESP, 1999. p. 37-50. DOI: <https://doi.org/10.36311/1999.978-85-86738-08-5.p37-50>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

DESAFIOS DE UMA GERAÇÃO E A ORIGINALIDADE DA INTERPRETAÇÃO

Maria Arminda do Nascimento Arruda¹

Traduzir a contribuição teórica de Maria Isaura às Ciências Sociais no Brasil não é tarefa fácil. As múltiplas direções do seu olhar arguto de socióloga, *cristalizadas em inúmeras obras, densas do ponto de vista analítico e abarcando um leque variado de temas*, estão a revelar a magnitude das questões subjacentes à interpretação do seu trabalho. A costumeira controvérsia que acompanha a avaliação da trajetória dos intelectuais não se aplica ao caso de Maria Isaura. A qualidade da sua produção é unanimemente reafirmada, fundamentando-se na profundidade das suas interpretações e na seriedade com que enfrentou um problema crucial à sua geração: recortar uma temática e erigir um estilo de reflexão pautado por princípios do conhecimento e ancorado em investigações rigorosas. O êxito em combinar esses dois princípios indica o sentido fundamental das suas análises, do qual emana uma contribuição original.

Nesses termos, a consideração da obra de Maria Isaura supõe compreender os caminhos trilhados pela pesquisa, no âmbito das Ciências Sociais da Universidade de São Paulo. Como se sabe, o desenvolvimento dessas disciplinas associou-se, inextricavelmente, à organização da universidade, ao lhes conferir imprescindível espaço institucional, ao manter a recorrência da formação, ao ser capaz, enfim, de ofertar condições estáveis ao pleno exercício da profissão, na sua vertente acadêmica. A partir desse momento, o cenário intelectual modula-se por solicitações qualitativamente diferenciadas, submetido ao influxo das

¹ Professora de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

exigências do saber universitário, recortando novos espaços e assenhorando-se de procedimentos anteriormente praticados de modo assistemático. Todavia, a produção dos considerados precursores, posteriormente dos denominados intérpretes do Brasil, indica a presença de marcante sensibilidade intelectual, voltada aos fenômenos afeitos à sociedade. Por essa razão, a geração de Maria Isaura, composta pelas primeiras turmas formadas na USP, se não se deparou com um ambiente cultural em inicialidade absoluta, deu o passo decisivo na direção de construir uma experiência em pesquisa conectada ao exame da teoria. Se essa passagem não se fez sem a formação recebida e sedimentada, o resultado foi uma “silenciosa revolução intelectual que deslocou o eixo dos estudos sobre a sociedade brasileira”.² Os trabalhos da primeira geração revelam a presença de nova dicção, ao traduzirem a absorção, mas, principalmente, a superação das referências recebidas. O novo tom inflte a abertura em leque das preocupações temáticas, a construção de objetos originais, o exame das teorias e dos procedimentos adequados, emblema da Sociologia universitária paulista, na fase de seu estabelecimento.

Os primeiros trabalhos produzidos pelos sociólogos, formados pela USP, revelam a presença desse conjunto de questões sem que, todavia, as fronteiras disciplinares se encontrem totalmente demarcadas. O trânsito entre as abordagens da Sociologia, da Antropologia e da Política é corrente. São ilustrativas dessa tendência as teses de mestrado e doutorado de Florestan Fernandes – *Organização social dos Tupinambá* e a *Função social da guerra na sociedade Tupinambá* –; de Antonio Candido – *Os parceiros do Rio Bonito*: estudo sobre os meios de subsistência do caipira paulista –; e de Maria Isaura Pereira de Queiroz – *La Guerre Sainte au Brésil*: le mouvement messianique du Contestado.³ Através desses exemplos, visualizam-se os traços de uma formação integrada, na qual as

² CANDIDO, Antonio. A Sociologia no Brasil. In: *Enciclopédia Delta Larousse*. Rio de Janeiro: Delta, 1960. v. 5, p. 2216-32.

³ FERNANDES, F. *Organização Social dos Tupinambá*. São Paulo: Col. Trópico, Instituto de Progresso Social, 1948. Idem. *A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1951. CANDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito*: estudo sobre o meio de subsistência do caipira paulista. São Paulo: Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1954; PEREIRA de QUEIROZ, M. I. *La Guerre Sainte au Brésil*: le mouvement messianique du Contestado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1957.

análises sobre as sociedades primitivas se fazem acompanhar de estudos sobre as relações sociais do Brasil tradicional. Entrecruzam-se, de diferentes modos, as interpretações sociológicas, antropológicas e políticas, conferindo certa identidade aos trabalhos de Florestan Fernandes, Antonio Candido e Maria Isaura. O caráter aparente de estudos diversos, esconde, no entanto, profundas semelhanças. Em primeiro lugar, se a busca de temas originais é visível, o mais significativo encontra-se revelado no recorte empreendido. Abandonaram-se os grandes panoramas que distinguem as obras dos precursores e intérpretes. Tratava-se de circunscrever objetos, de submetê-los ao crivo da interpretação, a partir de problemas definidos e independentemente do tipo de pesquisa: histórico, empírico ou teórico. Em segundo lugar, mesmo quando o assunto era marcadamente ligado à Antropologia – no caso das teses de Florestan Fernandes – o exame da teoria era fundamental. O professor esclarece, já na introdução do seu mestrado, que a sua concepção de organização social é distinta da visão corrente dos sociólogos, cuja discussão é ampliada no seu doutoramento, transformando a tese num exercício de erudição teórica, no âmbito da Sociologia. No que tange aos dois outros textos, a mesma confluência é perceptível, pois se a análise de contextos sociais mais homogêneos é empreendida lançando-se mão do arcabouço antropológico, a explicação é orientada pela perspectiva sociológica e por absorções da contribuição da ciência política. Em terceiro lugar, as noções de estrutura, organização e mudança são centrais ao andamento analítico, instituindo um campo comum conceitual, desvelando certa unidade de formação. Em quarto lugar, esses estudos voltam-se para o conhecimento da vida dos dominados, quer dizer, não há o privilegiamento da realidade das elites, pelo menos na primeira fase.

O arcabouço comum de preocupações, modestamente caracterizado por Antonio Candido como *silenciosa revolução intelectual*, foi mais retumbante do que possa parecer à primeira vista. Aqui, emerge o estilo acadêmico de reflexão, no qual a singularidade das escolhas temáticas esclarecia sobre a direção do olhar, em suma, sobre as idéias-guia desses sociólogos. Componentes para além da busca de conhecimento, imiscuiram-se na estrutura do pensamento desses jovens praticantes da Sociologia, “orientando a atenção para o problema, determinando sua formulação teórica, fixando os supostos e valores que afetam em alto grau a escolha dos materiais e problemas e intervindo

no processo de verificação”.⁴ Na base desse conjunto de transformações, localizam-se as determinações do vivo ambiente universitário da Faculdade de Filosofia, cuja atmosfera transpirava tanto a sisudez da regra científica, quanto o descompromisso de um segmento social aberto para absorver as novas idéias e seduzido pelo livre debate que exalava dos ares. O cenário os redimia da condição de jovens intelectualmente provincianos. Na conjunção desses fatores peculiares à Faculdade de Filosofia, produziu-se um modo de reflexão embebido “do elogio de um estilo seco e analítico e da desqualificação de qualquer forma de ensaísmo”.⁵ Uma nova sociabilidade medrava no terreno da instituição, fixando um dos pontos de encontro dessa geração.

Se o domínio da teoria conferia condições indispensáveis ao encaminhamento da análise e da verificação, entender as escolhas feitas nesse campo, ultrapassa os puros princípios da formação recebida. A ênfase na estrutura social instaurava a especificidade da abordagem sociológica, enquanto o foco nos processos de mudança exprime a vocalização de problemas reconhecidos como essenciais à dinâmica do Brasil, quais sejam os da crise de transição de uma sociedade tradicional para a moderna. Enquanto na contribuição de Florestan Fernandes os deserdados são os índios e os negros,⁶ nas obras de Antonio Candido e Maria Isaura é o universo da cultura rústica e das relações agrárias que se encontra perpassado pela crise.⁷ E, de fato, os temas de eleição de Maria Isaura e Antonio Candido são muito assemelhados, o que deixa a entrever a presença de forte sensibilidade para os problemas da estrutura agrária brasileira, apontando para determinantes extra-acadêmicos. Originários de famílias rurais, trouxeram para a profissão um olhar cultivado na experiência social procedente e que, possivelmente, orientou as suas escolhas. Não é casual que ambos manifestaram

⁴ MERTON, R. K. La sociología del conocimiento. In: HOROWITZ, I. L. (Org.). *História y elementos de la sociología del conocimiento*. 3. ed. Buenos Aires: Editora Universitaria de Buenos Aires, 1974. Tomo I. p. 66.

⁵ PRADO JUNIOR, B. As filosofias da Maria Antônia (1956-1959) na memória de um ex-aluno. In: SANTOS, M. C. L. dos (Org.) *Maria Antônia: uma rua na contramão*. São Paulo: Editora Nobel, 1988, p. 69.

⁶ Refiro-me tanto ao projeto desenvolvido por Roger Bastide e Florestan Fernandes sobre as *Relações entre negros e brancos em São Paulo*. São Paulo: Editora Anhembi, 1955, quanto à tese de Florestan — *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*. São Paulo: Dominus, 1965.

⁷ Além de vários artigos, Maria Isaura escreveu um livro específico sobre a realidade rural: *Bairros rurais paulistas*. São Paulo: Duas Cidades, 1973.

interesses pelos estudos da família, como assunto central de análise, ou como categoria importante ao entendimento de certos fenômenos.⁸ Nas palavras de Maria Isaura: “Pertencço a uma família *quatrocentona* do Estado de São Paulo que sempre preservou os fatos do passado, seja narrando aos mais jovens historietas dos mais velhos, seja guardando nas prateleiras papéis inúteis e cadernos velhos sem serventia”.⁹ Diferenciam-se, por isso, da trajetória social de Florestan Fernandes, cuja origem situava-se nas camadas populares da cidade de São Paulo e para onde dirigiu os seus primeiros estudos, focalizando as expressões culturais desses grupos.¹⁰ Independentemente da diversidade de experiências, esses jovens sociólogos encontraram-se primeiro na faculdade da Praça República, depois, na rua Maria Antônia e construíram um timbre próprio à comunidade dos cientistas sociais, na qual certas normas e valores ligados aos ideais do saber se impunham. A magnitude dos desafios enfrentados por essa geração exigia a disciplina do trabalho árduo, longo processo de elaboração dos textos, tendo em vista construir uma teia explicativa sólida. A linguagem adequada era indício do êxito do empreendimento, referendado no uso da noção correta e na resolução do problema teórico-metodológico. Em tal contexto, era de se esperar que esses sociólogos tivessem harmonizado a atividade de investigação, aos princípios da formalização conceitual e da exposição de um estilo.

O núcleo primitivo dos professores de Ciências Sociais da USP modelou o perfil do especialista, evidente na forma discursiva composta por princípios universalisantes do conhecimento, mas edificou um corpo de idéias sobre o Brasil que se apresentava como alternativa às interpretações correntes. A operação, por eles empreendida, transitava entre o enfoque universalista e o recorte particularista dos temas escolhidos. Tal confluência brotou da formação universitária, cuja inserção orientou a fixação de pressupostos teóricos, a escolha

⁸ CANDIDO, A. The Brazilian Family. In: LYNN SMITH, T. (Org.) *Brazil, portrait of half a continent*. Estados Unidos: The Dryden Press, 1951. A análise da estrutura familiar é fundamental à interpretação de Maria Isaura sobre *O mandonismo local na vida política brasileira*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1969; O coronelismo numa interpretação sociológica. In: FAUSTO, B. (Org.) *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano*. São Paulo: Difel, 1975. Tomo III, v. 1.

⁹ PEREIRA de QUEIROZ, M. I. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1992. p. 14.

¹⁰ Os estudos de Florestan sobre a cultura popular foram reunidos no livro: *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. São Paulo: Anhembi, 1961.

do material empírico e, em certa medida, a construção do interesse por determinados problemas. Os dois primeiros procedimentos derivam, diretamente, do aprendizado recebido, pois, considerava-se essencial o conhecimento das contribuições analíticas mais importantes referentes ao tema, além da escolha correta do material empírico. Ao terceiro acoplam-se, como já afirmamos, questões mais complexas, ligadas às diferentes trajetórias sociais. A raiz formativa comum não impediu, todavia, a produção de obras originais, resultando num cenário diversificado de eleições temáticas e de interpretações singulares. A vasta produção sociológica de Maria Isaura exemplifica esse empreendimento ao circunscrever a amplitude das suas escolhas e manifestar a profundidade das suas análises.

O conjunto das obras de Maria Isaura enquadra-se em quatro domínios demarcados da análise sociológica: Sociologia da Religião, Sociologia Política, Sociologia Rural e Sociologia da Cultura. Já aqui se apresenta o caráter especial da sua contribuição, uma vez que a abordagem não é especializada no sentido simples do entendimento e muito menos corresponde a momentos sucessivos da sua carreira. Desde a sua tese de doutoramento, sobre o movimento messiânico do Contestado, é visível o cruzamento das interpretações, ou seja, os fenômenos religiosos não podem ser compreendidos independentemente das dimensões sócio-cultural e política. Isso não a impediu de dar conta do assunto tratado, ao contrário, esclareceram-se as íntimas relações entre a emergência do messianismo e a problemática particular de certos contextos sociais. A condição decisiva para a emergência do messianismo localiza-se, no entanto, na conjunção de dois outros problemas, quais sejam, a natureza da religião e a personalidade do Messias.¹¹ Nesse ponto, a autora não apenas deixa evidente a particularidade do fenômeno estudado, como, principalmente, agrega novo requisito, referente às qualidades especiais do líder religioso, estabelecendo um trânsito para o campo da Psicologia Social.¹² De outro lado, embora os seus primeiros trabalhos de peso

¹² “A personalidade dos Messias constitui fator com os quais também temos que contar para a produção dos fenômenos”. Idem, *Ibidem*, p. 355.

¹¹ “Em conclusão, podemos afirmar que dadas certas crises estruturais ou organizatórias, em sociedades estruturadas de determinada maneira, podemos ter ou não um fenômeno desse tipo, desde que um elemento cultural imprescindível — o tipo de religião — esteja presente”. PEREIRA de QUEIROZ, M. I. *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Dominus, 1965. p. 354.

estivessem no campo da religião, Maria Isaura demonstrava, desde o início, forte interesse para a análise sociológica do político,¹³ dado que a compreensão do messianismo já envolvia a análise da cultura rústica.

Nessa perspectiva, a produção de Maria Isaura não é facilmente periodizável, apesar de se poder localizar o núcleo irradiador de temas e da teia variegada das abordagens. Os estudos sobre o messianismo constituem-se, em nossa opinião, no pólo fundamental da abertura temática e das possibilidades renovadas de análise. Foi através da compreensão do messianismo nas sociedades rústicas que a socióloga abriu-se para problemas políticos e culturais do Brasil tradicional. Ou, em outros termos, dadas as imposições do conhecimento postas pelos seu objeto emergem assuntos novos, mas que se prendem ao mesmo recorte temporal, por serem afeitos à mesma estrutura social, típicos da sociedade tradicional brasileira. Nesse sentido, os seus trabalhos sobre os cangaceiros, o mandonismo local, a estrutura agrária e as festas populares, podem ser considerados como derivações da análise empreendida na área da religião.¹⁴ Similarmente, a passagem para o estudo dos fenômenos urbanos parece resultar da caracterização das transformações inerentes à transição da sociedade tradicional para a moderna.¹⁵ Se essa sugestão se sustenta, é possível afirmar a presença de certa clivagem na obra de Maria Isaura, produzida no fluxo temporal, ou, é o corte na História que a determina. Numa visão sumária e incompleta, diríamos que a viragem se dá, quando a predominância dos temas rurais é deslocada pelo domínio dos temas urbanos, embora a consideração dos fenômenos típicos da ambiência citadina não seja exclusiva da sociabilidade moderna e nem mesmo o rural seja tratado independentemente das suas conexões com o urbano. O caráter arguto das análises

¹³ Chamo a atenção para o artigo de PEREIRA de QUEIROZ, M. I. A contribuição para o estudo da sociologia política no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 1, 1955, *Anais...*, 1955.

¹⁴ Remetemos para as seguintes obras: *Sociologia e folclore: a dança de São Gonçalo num povoado baiano*. Salvador: Progresso Edit., 1958; *Desorganisation des petites communes brésiliennes. Cahiers Internationaux de Sociologie (Paris)*, v. 28, 1960; *Os cangaceiros: les bandits d'honneur brésiliens*. Paris: Julliard, 1968; *O mandonismo local na vida política brasileira*. (Op. cit.); *O coronelismo numa interpretação sociológica*. (Op. cit.); *Bairros rurais paulistas*. (Op. cit.).

¹⁵ Cf. PEREIRA de QUEIROZ, M. I. Do rural e do urbano no Brasil. In: SZMERESCSÁNYI, T., QUEDA, O. (Org.). *Vida rural e mudança social*. São Paulo: Ed. Nacional, 1973.

de Maria Isaura não lhe permite operar com oposições simples e, ainda que o processo de transformação siga uma tendência visível, o tecido da História é tratado na complexidade da sua teia inconsútil. Persistências e mudanças mesclam-se e redefinem os seus significados primeiros, criando um andamento de análise pontuado pela tensão característica desses contextos sociais. A partir de um ponto central, a autora vai agregando expressões, configurando uma análise em círculos concêntricos, quase à exaustão e o limite é dado pelo esgotamento das manifestações do mesmo fenômeno.

São ilustrativos desses procedimentos os trabalhos sobre *O messianismo no Brasil e no mundo*; *O coronelismo numa interpretação sociológica*; e *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. Nos dois primeiros, ocorre uma particularidade que os identifica, expressa na afirmação do tipo de abordagem. Se no ensaio sobre o coronelismo a perspectiva encontra-se explícita no título, em *O messianismo* a autora esclarece o seu problema, logo nas primeiras frases do prefácio: “dar uma ordenação, uma sistematização aos movimentos messiânicos, dentro de uma *perspectiva sociológica*”.¹⁶ Aparentemente sem maiores desdobramentos, a afirmação do princípio de análise visa, em primeiro lugar, a situar o lugar privilegiado de onde a autora constrói a sua interpretação e, em segundo, reafirma o domínio disciplinar. É como se a socióloga esclarecesse as balizas da sua compreensão mas, concomitantemente, a importância do seu ponto de vista. Cuidado, aliás, visível em outras obras da sua geração, como em *A revolução burguesa no Brasil* de Florestan Fernandes, que contém o subtítulo *Ensaio de interpretação sociológica*. Em ambos, a mesma exigência de construção da identidade profissional, produto, possivelmente, da necessidade de demarcar fronteiras fluidas, acrescida, talvez, da crença nas possibilidades de “esclarecimento” do ponto de vista sociológico. De outro lado, esse é o momento de fixar um estilo de reflexão, uma das tarefas primordiais dessa geração. Por isso, uma vez que o caminho foi sedimentado, Maria Isaura pôde romper com o dever da referência, pois, no seu livro sobre *Carnaval brasileiro*, não se encontra nenhuma afirmação sobre orientações da análise.

¹⁶ PEREIRA de QUEIROZ, op. cit., 1965. p. XI. (grifos meus).

Numa tentativa de considerar essas três obras, nosso objetivo a partir de agora, percebe-se que *O messianismo no Brasil e no mundo* destaca-se do conjunto, dado o caráter diferenciado do livro na biografia intelectual de Maria Isaura. Escrito fundamentalmente a partir do exame sistemático de estudos parciais sobre o fenômeno, a socióloga objetivou estabelecer bases para a comparação:

Nosso intuito é pesquisar a possibilidade de uma reunião de todos os movimentos messiânicos num quadro único, seja qual for a sociedade a que pertençam, segundo um ângulo que nos facilite verificar se, sociologicamente, há limites dentro dos quais se processa a sua variabilidade, e se, entre tais limites, há possibilidades de se distinguirem classes, gêneros, espécies de movimentos. Trata-se de escolher, pois, o elemento social suficientemente geral para figurar em todos e suficientemente rico de modalidades para permitir uma classificação.¹⁷

De saída, a dimensão original do trabalho emerge, respaldado no empreendimento classificatório, procedimento pouco comum aos jovens praticantes da Sociologia em São Paulo. De outro lado, a natureza da pretensão parece inspirada na obra clássica de Durkheim – *Formas elementares da vida religiosa*¹⁸ – escrita em cima de documentação e, em cujas páginas, o autor buscou construir uma teoria sociológica sobre as origens da religião, enquanto produto do pensamento coletivo. Apesar da aparente semelhança, a análise afasta-se do típico andamento durkheimiano, uma vez que se centra na *consideração do movimento e não das permanências* que caracterizam a ordem. “Como movimento, isto é, como grupo em ação, o grupo messiânico desempenha uma função relativamente à estrutura e organização das sociedades globais às quais se vincula”.¹⁹ Nesse passo, a socióloga segue os ensinamentos do seu mestre Roger

¹⁷ PEREIRA de QUEIROZ, op. cit., 1965, p. 20.

¹⁸ DURKHEIM, É. *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. 5. ed. Paris: PUF, 1968. (N.O.).

¹⁹ PEREIRA de QUEIROZ, op. cit., 1965, p.22.

Bastide, para quem o movimento era essencial à compreensão das sociedades.²⁰ Quer dizer, o caráter dinâmico da estrutura social liga-se à multiplicidade dos seus princípios ordenadores, cujo entendimento exigia a análise da história. Não obstante, a classificação se impõe por ser requisito do conhecimento, visto que “a ciência investiga apenas o que é regular, o que se repete, não existindo uma ciência do único, compreende-se porque a classificação é o primeiro método a ser utilizado em qualquer ciência”.²¹ A reflexão sociológica acaba, então, por exigir finura da análise, ou a capacidade de encontrar regularidades em fenômenos clivados pelas desigualdades produzidas na história. A realidade complexa do trabalho de interpretação obriga ao reconhecimento de expressões diversas do mesmo fenômeno, correspondendo a funções variadas. Em suma, os processos de diferenciação e de integração são, concomitantemente, opostos e complementares.²² E, aqui, a autora concilia a abordagem apoiada na estrutura e organização social à análise do movimento, visto que

os dois processos mais gerais se ‘personalizam’, por assim dizer, em diferentes situações, formando espécies dentro do gênero mais amplo de processos sociais básicos: tomam a forma de processos de agregação e de segregação, de estratificação e de nivelção, de desorganização e de reorganização.²³

Nesse momento, Maria Isaura inova ao trabalhar a teoria sociológica, por propor uma integração das abordagens que privilegiavam ou a estrutura ou a transformação. A sua lição é clara:

Morfologia e dinâmica estão estreitamente unidas, não sendo possível separá-las senão para fins didáticos. Podemos, num primeiro momento de estudo, analisar exclusivamente a forma externa e a configuração interna das sociedades globais, o que nos servirá para conhecê-las em seus diferentes tipos; mas a continuidade do estudo inevitavelmente colocará os problemas de transformação que só poderão ser resolvidos pela dinâmica, a partir do conhecimento já adquirido da morfologia.²⁴

²⁰ Cf. PEREIRA de QUEIROZ, M. I. Nostalgia do outro e do alhures: a obra sociológica de Roger Bastide. In: PEREIRA de QUEIROZ, M. I. *Roger Bastide*. São Paulo: Ática, 1983, p.59-60. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

²¹ PEREIRA de QUEIROZ, op. cit., 1965, p.329.

²² Idem, *Ibid.*, p. 349.

²³ Idem, *Ibid.*, p. 350.

²⁴ Idem, *Ibid.*, p.352.

E para entender como se dá a conexão entre esses processos, é necessário fixar a multiplicidade das expressões sociais, tornando a análise paulatinamente ampliada a partir de um ponto central, ou seja, o do fenômeno estudado. O alargamento da interpretação vai sendo processado em círculos concêntricos nos quais, inclusive, o papel dos indivíduos é importante, o que torna a interdisciplinaridade uma imposição, porém subordinada à perspectiva sociológica. Essa capacidade agregadora da análise encerra não apenas uma contribuição original à Sociologia brasileira, mas um problema essencial à reflexão das Ciências Sociais, referente às identidades e aos afastamentos entre o indivíduo e a sociedade.

O ensaio sobre *O Coronelismo numa interpretação sociológica* retrata, de modo paradigmático, o que acabamos de dizer. Situando, em primeiro lugar, a figura do coronel como uma “espécie de elemento sócio-econômico polarizador, que servia de ponto de referência para se conhecer a distribuição dos indivíduos no espaço social”,²⁵ a socióloga incorpora uma frase, aparentemente banal, à delimitação do fenômeno: “A pergunta: *Quem é você?* recebia invariavelmente a resposta: *Sou gente do coronel Fulano*”.²⁶ A singeleza da expressão esconde, na verdade, toda a trama social que subjaz ao coronelismo, recortando posições, formas de participação na estrutura econômica, social e política. Nessa medida, o coronelismo não é fenômeno exclusivamente político, tal como era primordialmente tratado nas análises correntes sobre o assunto, mas manifestação mais geral da sociedade tradicional brasileira. Em função disso, o coronelismo passa a ser entendido, enquanto “forma assumida pelo mandonismo local a partir da proclamação da República”.²⁷ Isto é, como parte integrante de uma totalidade maior, num momento definido da história brasileira. Dada essa caracterização, a análise necessariamente desdobra-se absorvendo múltiplas dimensões, necessárias à interpretação do problema. Novamente, o escopo da análise reproduz um cenário repleto de ambigüidades, onde o significado dos

²⁵ Idem., op. cit., 1975, p.156.

²⁶ Idem, Ibid.

²⁷ Idem, Ibid., p. 160.

fenômenos não é unívoco, dado que pulsam em múltiplas direções. Se a estrutura do coronelismo pressupõe o clientelismo, a sua origem são os grupos de parentela, enquanto tipo *sui-generis* da organização social brasileira. A configuração e análise da parentela é essencial, porque condensa

três aspectos interligados — o político, o econômico, o do parentesco — mostrando que a sociedade na qual estava implantada era de estrutura sócio-econômica e política ainda pouco diferenciada em seus setores de atividade. Setor político, setor econômico, setor parentesco, reunidos, garantiam o funcionamento da sociedade e lhe davam uma característica própria.²⁸

De onde se conclui que a parentela guarda os dois princípios da vida social, organização e movimento que se expressam em alianças e rupturas, numa dialética incessante entre solidariedade, fragmentação e conflito, operando de modo complementar.²⁹

Se a análise da parentela permite configurar o clientelismo, ela também dá a passagem para o fundamento da estrutura coronelística, ligado à “posse de bens e fortuna”, requisito para a manutenção do favor. A investigação dos meios de obtenção da riqueza, herança, casamento e comércio permite alargar a análise para novos campos, implicando a ampliação do olhar sobre os princípios sociais da atividade econômica. Ou, em outros termos, a lógica econômica nutria-se de mandatos extra-econômicos, assim como as posições sociais não derivam, imediatamente, da posse de bens, ainda que a fortuna construísse o alicerce da estratificação. A ascensão social poderia ser facilitada, no âmbito da parentela, em função de outros requisitos, como por exemplo, qualidades pessoais. A aquisição do posto supremo dentro de uma parentela, “não era marcada pela herança, o filho do coronel substituindo o pai dentro do grupo de parentes, mas oscilava de acordo com as qualidades dos candidatos, que eram todos os indivíduos que tivessem a mesma situação sócio-econômica entre os parentes”.³⁰ O exercício da autoridade ultrapassava ao simples montante de bens, ainda que fosse condição imprescindível, dada a lógica do favor. A liderança coronelística, é,

²⁸ Idem, Ibid., p. 167.

²⁹ Idem, Ibid., p. 167-71.

³⁰ Idem, Ibid., p. 168.

concomitantemente, uma liderança carismática, ou seja, requer a presença de certos atributos individuais. Em suma, a

ascensão social nesse tipo de sociedade decorria do fato de não existir uma rígida determinação na sucessão das chefias, isto é, decorria do fato de que a determinação das chefias se apoiava tanto no fator econômico, quanto nas qualidades pessoais do indivíduo.³¹

Os atributos da personalidade incluem-se entre as condições básicas para a manutenção da estrutura coronelística, são o seu arremate final, configurando uma análise que atingiu o limite da interpretação sociológica.

Na teia dessas considerações, evidencia-se o caráter abrangente da perspectiva sociológica de Maria Isaura, o que a permitiu traduzir as regras fundamentais da sociedade brasileira, nas suas manifestações gerais e particulares, explícitas e recôndidas. A busca de desvendar os seus múltiplos significados cristaliza-se no estudo sobre o carnaval brasileiro, no qual a sua experiência singular é componente da análise e onde a autora confessa total comprometimento com o tema. A ousadia em explicitar a sua paixão pelo assunto, atesta a capacidade permanente de renovação e indica a presença de mais um limite, representado no prazer de poder incluir as suas lembranças pessoais no processo de compreensão: “Felizmente, a atitude de afastamento do pesquisador em relação ao seu objeto de estudo é hoje considerada ultrapassada.”³² Também no plano da abordagem, predominam outras categorias, como as de mito e imaginário. A análise do carnaval, segundo a autora, possui uma importante função imaginária que ultrapassa a sua realidade ou o deslumbramento provocado pelo seu caráter mítico. “A descoberta da multiplicidade de aspectos de sua base empírica não anula os significados de sua faceta imaginária, a qual desencadeia atividades coletivas e individuais”.³³ Ao perseguir as origens do carnaval brasileiro e recompor a sua história, da festa de família ao grande espetáculo carioca, a socióloga tece a trama

³¹ Idem, *Ibid.*, p. 178.

³² PEREIRA de QUEIROZ, *op. cit.*, 1992. p. 23.

³³ Idem, *Ibid.*, p. 223.

cultural da nossa sociedade nas suas expressões mais finas. Mais uma vez, retira do seu mestre Roger Bastide o ímpeto para a construção da aventura sociológica:

A festa carnavalesca brasileira é o produto barroco mais puro de sua sociedade e de sua civilização. Este predicado não pertence somente à festa e à forma pela qual esta se expressa; está presente na reunião de elementos de origem tão diversa que compõem cintilantes desfiles, e também, e mais ainda, nas contradições entre mito e realidade. Esta reunião de *muitas intenções contraditórias num só gesto* não teria seu símbolo no elegante minueto executado ao ritmo sincopado e tonitruante dos surdos pela porta-estandarte e pelo mestre-sala, trajados com luxuosos costumes Luís XV, as perucas brancas contrastando com o escuro das epidermes?³⁴

O livro sobre o carnaval arremata um processo de interpretação do Brasil, ao representá-lo numa visão de conjunto que contém uma síntese de elementos aparentemente contraditórios. A sua essência encerra aquele conhecido gosto pelo espetáculo e a necessidade de teatralizar as nossas relações. É preciso *fazer vista*, dizemos freqüentemente, quando estamos fora dos nossos círculos íntimos. Assim como ser *gente do coronel fulano* exprime o caráter teatral, assumido pelas formas de inserção na sociedade. Nesse momento, a socióloga Maria Isaura se converteu numa intérprete da cultura brasileira, condição que já estava presente desde os seus primeiros trabalhos, ao analisar o Brasil no prisma do tempo e das suas realizações espaciais. Trajetória que expressa, em suma, o modo original como enfrentou os desafios da sua geração.

³⁴ Idem, *Ibid.*, p. 224-5.